



CONSIDERAÇÕES ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DO MAL EM *PARAÍSO PERDIDO*, DE JOHN MILTON

CONSIDERATIONS ON THE REPRESENTATION OF EVIL IN *PARAÍSO PERDIDO*, BY JOHN MILTON

Paloma Catarina Zart¹

RESUMO: O artigo tem por objetivo discutir a representação do mal em *Paraíso Perdido*, de John Milton. Para tanto, fez-se uso das considerações de Paul Ricoeur acerca da natureza do mal em palestra proferida pelo filósofo, posteriormente transformada em livro. Partindo do texto de Ricoeur, esse artigo aponta a convergência de similitudes entre o pensamento teocrático, como exposto por Ricoeur, e o primeiro solilóquio satânico. No texto filosófico, o mal é definido como o confronto entre o desejo pessoal e a obrigação com terceiros, conflito semelhante ao vivido pela personagem miltoniana. Percebeu-se que a natureza má da personagem satânica pode ser caracterizada pela não conciliação entre vontade pessoal e obrigação moral.

PALAVRAS-CHAVE: Paraíso Perdido, John Milton, representação, mal, Paul Ricoeur.

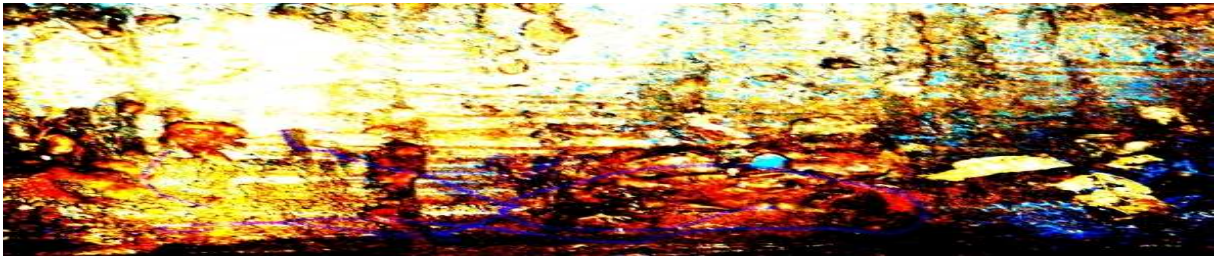
ABSTRACT: This paper aims to discuss evil representation in John Milton's *Paradise Lost*. The paper begins for Paul Ricoeur's speech that concerns the nature of evil; the text was a speech originally and has been transformed in a book. Pointing the similitude between theocratic thought, as showed by Ricoeur, and the first satanic soliloquy the paper exposes the proximity between both. In the philosophical, text evil is defined as a confrontation between personal wish and obligation to others. The same can be perceived in Milton's epic, therefore the paper concludes the evil nature of the satanic character can be characterized by the non-agreement between personal wish and moral obligation.

KEY WORDS: Paradise Lost, John Milton, representation, evil, Paul Ricoeur.

Introdução

John Milton declara na invocação de seu épico que cantará os desígnios de Deus aos homens, implicando, com isso, que seu poema narrativo tem sua temática voltada ao homem e o colocado como personagem central. A personagem que mais chamou a atenção tanto da crítica quanto do público leitor, no entanto, não foi a representação divina ou o casal edênico, mas a representação de uma abstração, Satã. Declara C.S. Lewis (1971) que a personagem satânica é mais atraente para o público porque é mais fácil de ser representada; o crítico afirma ser impossível descrever a perfeição, pois ninguém a atinge. Uma personagem inferior, repleta de defeitos, por outro lado, é muito fácil de ser construída por ser corriqueiro encontrar alguém que tenta dar seu melhor, mas só atinge seu pior. A natureza baixa da personagem seria então um auxílio para Milton criá-la com mais propriedade, pois Satã dá corpo a um conceito problemático

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Trabalho desenvolvido sob a orientação do Prof. Dr. Lawrence Flores Pereira. E-mail: paloma.zart@gmail.com

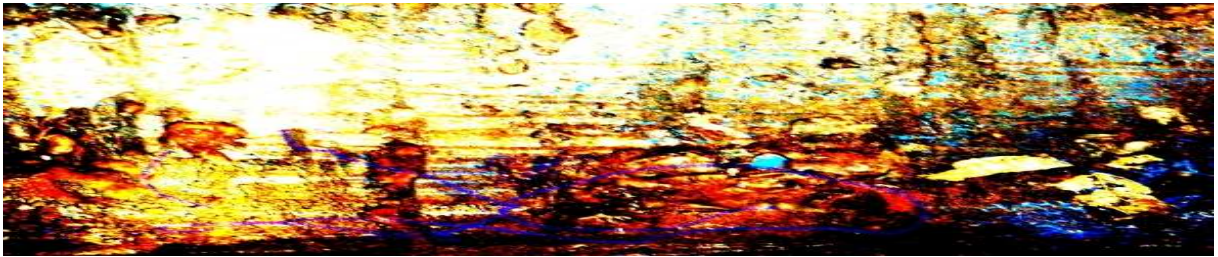


em sua essência. Este trabalho analisa a representação do mal em **Paraíso Perdido**. Para tanto, busca na filosofia um conceito de mal que ajude a compreender o que é o mal, ou antes, a personagem Satã no épico miltoniano.

O Mal na leitura de Paul Ricoeur

Em uma conferência na Faculdade de Teologia na Universidade de Lausanne, em 1985, Paul Ricoeur apresentou seus estudos acerca do mal, tendo por tema a *realidade do mal como causadora de um certo modo de pensar*. De acordo com o prefácio de Pierre Gisel para o livro, a conferência é fruto dos estudos de Ricoeur acerca do mal que resultaram nas obras **Finitude et culpabilité** e **O Conflito das interpretações**.

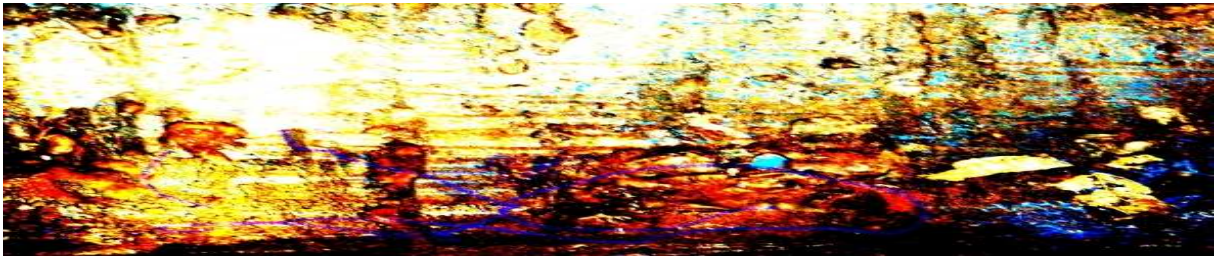
A conferência de Ricoeur apresenta a validade de ainda se pensar o mal. Ele inicia sua fala demonstrando existir uma diferença entre pecado, morte e sofrimento. Conceitos presentes no cerne da compreensão da natureza humana, erroneamente colocados no mesmo patamar, segundo Ricoeur. O mal “designa o que torna a ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão” (RICOEUR, 1988, p. 23); a imputação implica na indicação do sujeito como autor de uma ação passível de repreensão moral, a acusação consiste na classificação da ação como violação de um código ético e a repreensão constitui o juízo condenatório que declara o sujeito culpado e passível de punição. A definição de mal apresentada por Ricoeur está muito próxima da noção de mal em Agostinho e do mal moral em Immanuel Kant; ao trabalhar com a noção de mal, Kant indaga a razão pela qual o homem pratica o mal e afasta o sofrimento da punição. O pensamento agostiniano, por sua vez, parte do princípio emprestado à filosofia de que o mal não é substância, pois isso implicaria em pensar o mal já contido na natureza humana. Contrapondo a idéia do mal como substância surge a criação *ex nihilo*, tudo nasce bom e sem excesso. Esta noção, porém, deixa em aberto a existência do mal; se ele não surge no momento da criação nem pode ser considerado um ser, fica a pergunta de onde ele pode ser encontrado. Para responder a pergunta, contrapõe-se à idéia *ex nihilo* um conceito de negatividade a partir do qual o mal pode ser compreendido como uma deficiência, deficiência originada na distância existente entre o criador e a criatura. A perfeição do mundo e principalmente do homem não é a mesma perfeição de Deus; em comparação a Ele, o homem precisa evoluir e essa evolução acontece na vida terrena. A premissa de uma caminhada que leva à perfeição divina está implicada na visão que alguns patriarcas da Igreja defenderam. Para eles, o homem perde sua



perfeição divina quando do pecado original e transformam a passagem pelo mundo em uma forma de purgação do erro cometido no momento inicial mítico. Na deficiência que caracteriza a distinção entre a perfeição divina e a perfeição da criação repousa a razão pela qual o homem pode escolher entre seguir ao lado de Deus ou declinar para o nada. A livre escolha pelo nada, no entanto, implica em falta passível de punição, a qual pode ser caracterizada como a privação de algo. Essa privação leva ao sofrimento, um estado contrário ao do puro prazer que Ricoeur definiu como o não-prazer, a diminuição da integridade física, psíquica e espiritual (RICOEUR, 1988, p. 24). O filósofo ainda compreende que a aproximação entre pecado e sofrimento se dê por causa da assimilação de que toda punição implica em sofrimento, lembrando Agostinho, e que todo sofrimento tem uma de suas bases no dano que o homem causa a um terceiro, no mal que imputa a alguém.

Mircea Eliade (2006) apresenta o papel do mito no pensamento humano e a relação que se estabelece entre as histórias míticas e os fatos ocorridos na realidade. Segundo Eliade, o mito tem por função explicar como um determinado evento ocorreu pela primeira vez e passou a integrar a rotina de um povo, sendo que esse fato tem uma natureza cíclica, repetindo-se periodicamente a partir de sua ocorrência primeira. Desta forma, o rapto de Perséfone explicava para os gregos o fim da estação reprodutiva e a vinda do inverno, pois com o cativo de Perséfone no Hades ao lado de Plutão, Ceres, mãe da deusa, e por sua vez, deusa da fertilidade dos campos, descuida-se do cultivo da terra, retira o calor do sol de sobre a Grécia e sai em busca de sua filha. Somente quando Perséfone está ao lado da mãe é que a terra volta a produzir. Todo o ano há uma estação de frio e improdutividade e uma estação de calor e produtividade que correspondem ao estado de felicidade e infelicidade de Ceres, pois, por decisão de Zeus, Perséfone passa metade do ano com seu amado e a outra metade com sua mãe. Esse evento primeiro explicava a mudança de estação, demonstrando como um episódio maior está inserido na particularidade cotidiana de cada um. Todo ano o mito é revivido nas festividades que dão boas vindas ao período de calor e produtividade. As cerimônias que revivem o mito não podem ocorrer em qualquer lugar, elas exigem espaços específicos e rituais próprios, pois ligam a felicidade dos homens com a volta da primavera à felicidade de Ceres com a volta da filha, aproximando desse modo o divino do mundano (ELIADE, 1965).

Ricoeur, ao discutir os níveis de discurso em que encontramos alusões ao mal, inicia com o primeiro nível, o do mito. Ao tratar da função do mito, Ricoeur faz lembrar a definição de Eliade, exposta acima. O mito, porém, afirma Ricoeur, sendo de caráter geral, traz uma razão

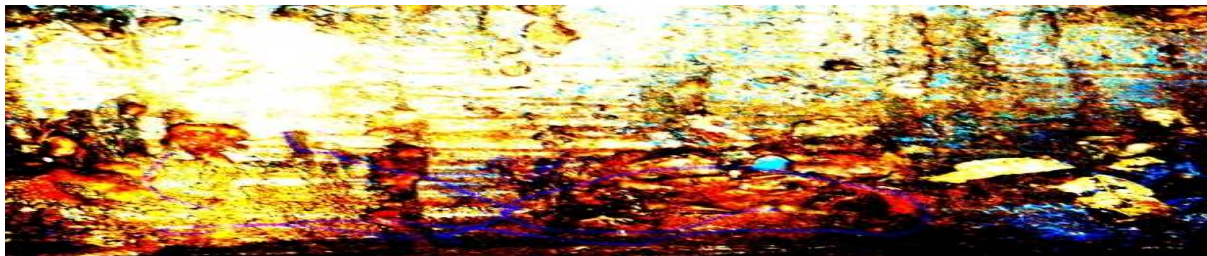


atemporal e não-humana para as situações humanas, com isso o mito não consegue explicar por que algo acontece com o indivíduo, deixando sem resposta uma pergunta crucial. A lamentação que a pergunta abarca compreende o segundo nível de discurso, definido por Ricoeur como o nível da sabedoria. Neste estágio, as explicações são formuladas, sendo a primeira delas originária da noção de retribuição. Todo sofrimento resulta de uma falta, de um pecado, que pode ser tanto coletivo quanto individual, conhecido ou desconhecido. Seguindo na esteira das justificações tem-se o pecado original. A noção de pecado original abarca aspectos do mito e a necessidade de uma explicação para o mal infligido à humanidade de modo geral. Do mito, a proposição herda sua justificativa supra-individual, histórica e genérica que agrega à idéia uma noção de merecimento da punição por causa de uma falta cometida pelos pais primeiros, herança de todos os homens. Como afirma Ricoeur:

Essencialmente, esta proposição [pecado original] condensa um aspecto fundamental da experiência do mal, isto é, a experiência ao mesmo tempo individual e comunitária da impotência do homem perante a potência demoníaca de um mal 'já lá', antes de toda e qualquer iniciativa má assinalável a qualquer intenção deliberada. (1988, 23)

Como colocado acima, Kant pensa o mal como ação moral, de responsabilidade do homem, uma vez que ele resulta das ações, que podem ser consideradas objeto de recriminação, dos indivíduos contra outros indivíduos, sendo por isso passível de punição. Seguindo na esteira de Kant, e discutido por Ricoeur em sua conferência, estão os trabalhos de G.W.F. Hegel e Karl Barth². O pensamento hegeliano defende que o espírito está dividido entre a “convicção”, caracterizada como a vontade que anima os homens em seus grandes feitos, e a “consciência julgante” que regula a convicção do homem. Essas duas forças estão em constante embate, pois uma deseja o bem individual acima do bem coletivo que a outra imputa; para que o homem fique em harmonia consigo essas duas vontades precisam entrar em conciliação. A conciliação entre convicção e ‘consciência julgante’ leva ao perdão de onde nasce a reconciliação, nada mais do que a convicção trabalhando em harmonia com a ‘consciência julgante’. O perdão, portanto, não advém da prerrogativa do esquecimento e da distribuição de desculpas por algo de ruim que alguém aplicou sobre outro, mas do acordo inicial entre as duas vontades, em que ambas cedem um pouco para alcançar um bem maior. Depreende-se que o mal para Hegel nasce da vontade do

² Ricoeur menciona duas obras de Hegel, **A Fenomenologia do Espírito** e **Introdução à Filosofia da História**. De Barth, Ricoeur cita o artigo “Deus e o nada”



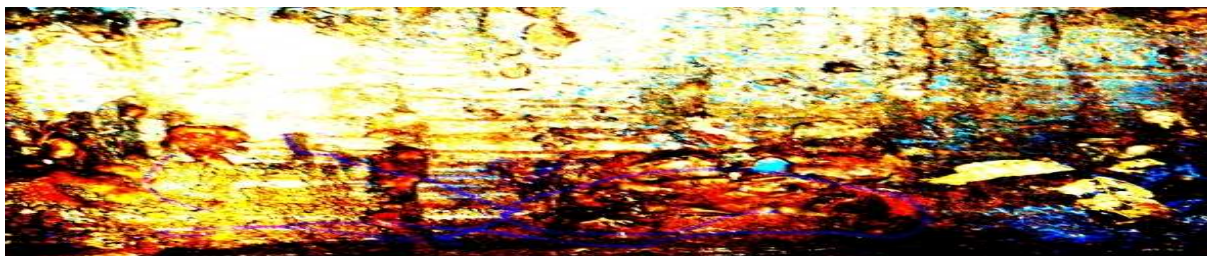
indivíduo, alicerçada pela supressão do bem comum em nome do desejo individual. Isso implica que o mal provém do sujeito, da liberdade de escolha como já apontava Agostinho. Os efeitos do confronto entre convicção e ‘consciência julgante’, no entanto, não se restringem somente ao plano da ação de um indivíduo sobre outro, eles têm implicação na história de um povo, quando se articula o desejo particular inserido em um conjunto de fatores que levam uma maioria a reclamar mudanças. Ricoeur explicita muito bem essa relação:

A astúcia da razão consiste na utilização pelo espírito do mundo das paixões que animam os grandes homens e que fazem a história e desdobram uma segunda intenção, dissimulada na intenção primeira dos fins egoístas que as paixões lhes fazem perseguir. São os efeitos não pretendidos da ação individual que servem aos planos do Weltgeist através da contribuição desta ação, aos fins mais próximos perseguidos fora de cada ‘espírito do povo’ e encarnados no Estado correspondente. (1988, p. 41-42)

O pensamento hegeliano, principalmente no que concerne a imbricação entre vontade individual e destino de um povo, lembra o que se encontra no **Paraíso Perdido**, de Milton. Satã justifica sua rebelião baseada em um ato de tirania. Usando do discurso maquiavelista, a personagem acusa Deus de abusar de seu poder. Sabe-se, porém, que a razão verdadeira que guia Satã é o sentimento de inveja que a criação de Cristo desperta (“that fixed mind/ And high disdain, from sense of injured merit,/ That with the mightiest raised me to contend,” PL. I, 97-99)³

O artigo de Karl Barth, citado por Ricoeur, levanta uma questão crucial para a análise do épico. Barth defende que o mal, por ele denominado *das Nichtige* (nada) provém de Deus, mas é rejeitado. A rejeição, ou antes, o nada é a “mão esquerda” de Deus. O que determina a existência do nada é o não querer de Deus, a negação por parte Dele de um estado ou ação. O mal, para Barth, deve ser visto como hostil a Deus, como a destruição, a privação, a corrupção e a deficiência. Todos esses pontos são encontrados no **Paraíso Perdido**. Quando a personagem Satã se levanta contra Deus, ela passa a ser inominada, ou seja, deixa de existir. (“Though of their names in heavenly records now/ Be no memorial, blotted out and razed/ By their rebellion, from

³ MILTON, John. Paradise Lost. IN: *John Milton The Major Works: including Paradise Lost*. Edited with an introduction and notes by Stephen Orgel and Jonathan Goldberg. New York: Oxford University Press, p. 358, 2003. (Oxford World’s Classics). Todas as citações subsequentes são do mesmo exemplar. Todas as traduções da obra apresentadas em rodapé, são de minha autoria. “aquela idéia fixa/ E grande desprezo, frutos do sentimento de injusto mérito/ Suscitaram-me a combater o mais poderoso,”



the books of life.” – PL. I, 361-63)⁴. Não é, porém, o fato de ter sua existência rejeitada o que mais aproxima a personagem miltoniana da noção de nada agora exposta, mas uma fala de Deus no livro dez. Quando os anjos vêm noticiar as ações dos homens, Deus demonstra que tudo correu conforme havia sido profetizado. A postura divina abre espaço ao questionamento das ações divinas. Não estaria tudo dentro dos planos de Deus? As ações de Satã não estariam de acordo com as ordens divinas?

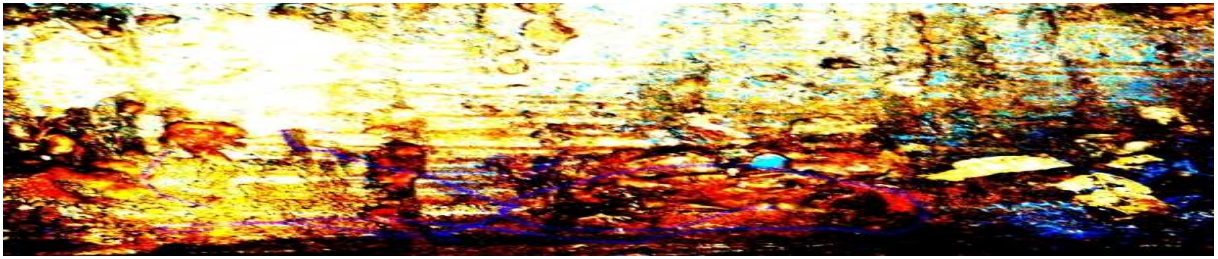
Assembled angels, and ye powers returned
 From unsuccessful charge, be not dismayed,
 Nor troubled at these tidings from the earth,
 Which your sincerest care could not prevent,
 Foretold so lately what would come to pass,
 When first this tempter crossed the gulf from hell.
 I told ye then he should prevail and speed
 On his bad errant, man should be seduced
 And flattered out of all, believing lies
 Against his maker; no decree of mine
 Concurring to necessitate his fall,
 Or touch with lightest moment of impulse
 His free will, to her on inclining left
 In even scale.

(PL. X, 34-47)⁵

Caso a proposição esteja correta, Satã, ou antes, o mal que ele traz consigo, caracteriza-se como o que Barth denominou de ‘mão esquerda’ de Deus. Isso colocaria o Satã miltoniano como o diabo na história de Jó. Ambos prestam um serviço divino, testando a fé e a constância do homem, ao contrário do demônio bíblico. No entanto, o demônio literário não mantém um diálogo constante com Deus nem freqüenta os reinos Empíreos. A proposição levantada aqui coloca outra questão. Se o Satã miltoniano age de acordo com as normativas divinas por que ele se questiona e assume um tom confessional no primeiro solilóquio?

⁴ Embora seus nomes nos registros celestes/ Não sejam lembrados, mas apagados e riscados,/ Pela sua rebelião, dos Livros da Vida.

⁵ Assembléia de Anjos, e vós Potestades chegados/ De tarefa frustrada, não desanimeis,/ Nem vos preocupeis com estas notícias da Terra,/ Que vosso mais sincero cuidado não podia prevenir,/ Previsto tão tarde o que se passaria,/ Quando primeiro este Tentador cruzou o Golfo do Inferno/ Eu vos disse então que ele prevaleceria e se apresaria/ Em sua má missão, Homem devia ser seduzido/ E bajulado de tudo, acreditando em mentiras/ Contra seu Criador, nenhuma lei minha/ Colaborou com a necessidade de sua Queda,/ Ou toque com o mais leve impulso do momento/ Seu livre Arbítrio, para sua própria tendenciosa esquerda/ Em qualquer escala.

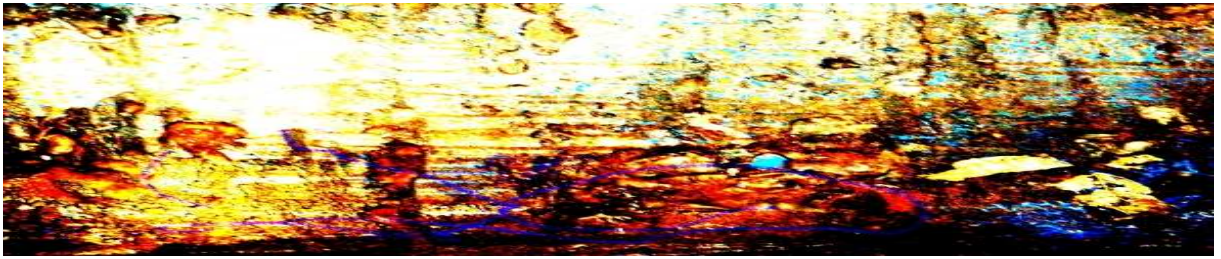


A Lógica da Contradição Satânica

Hegel, como mencionado acima, argumenta que a convicção e a ‘consciência julgante’ devem entrar em conciliação para que o espírito do homem não seja atormentado pelo embate entre as duas vontades. Depreende-se da proposição de Hegel que o mal resulta da não conformidade entre esses dois espíritos. No **Paraíso Perdido**, os solilóquios satânicos, principalmente o primeiro, podem ser compreendidos a partir do pensamento hegeliano. Ou seja, o confronto entre a convicção de Satã, seu desejo de glória alicerçado no sentimento de inveja, entra em conflito com a ‘consciência julgante’ de Satã, os últimos resquícios de uma memória angélica que lembra os deveres do anjo rompidos quando da guerra. Esse conflito está representado nas indagações de Satã acerca da dúvida sobre a legitimidade de sua causa e a certeza quanto à assertividade de suas ações:

How due! Yet all his good proved ill in me,
 And wrought but malice; lifted up so high
 I’stained subjection, and though one step higher
 Would set me highest, and in a moment quit
 The debt immense of endless gratitude,
 So burdensome still paying, still to owe;
 Forgetful what from him I still received,
 And understood not that a grateful mind
 By owing owes not, but still pays, at once
 Indebted and discharged; what burden then?
 O had his powerful destiny ordained
 Me some inferior angel, I had stood
 Then happy; no unbounded hope had raised
 Ambition. Yet why not? Some other power
 As great might have aspired, and me thought mean
 Drawn to his part; but other powers as great
 Fell not, but stand unshaken, from within
 Or from without, to all temptations armed.
 Hadst thou the same free will and power to stand?
 Thou hadst: whom hast thou then or what to accuse,
 But heaven’s free love dealt equally to all?
 Be then his love accursed, since love or hate,
 To me alike, it deals eternal woe.
 (PL, IV, 48-70)⁶

⁶ Como pude! Ainda seu bem evidenciou todo o mal em mim,/ E produziu senão maldade; elevou-me tão alto/ Que eu desprezei submissão, e por um passo mais soberbo/ Podia designar-me o mais nobre, e num momento quitar/ A imensa dívida de gratidão infinda./ Tão incômoda, ainda pagando, ainda em dívida;/ Desmemoriado do que dele ainda recebido,/ E não entendi que uma opinião grata/ Não é devida pelo dever, senão ainda paga, simultânea/ Obrigada e saldada; qual o dever então?/ Oh! Tivesse seu poderoso Destino determinado/ Me anjo inferior, eu teria permanecido/ Feliz naquele tempo; a livre esperança não teria erguido/ A ambição. Por que



O primeiro solilóquio dá seguimento à apresentação do Jardim Edênico e de Adão e Eva, criando um quadro contrastivo entre a paz do paraíso e seus habitantes com o conflito interno de Satã. O solilóquio é marcadamente de tom confessional e segue na esteira das confissões que adquirem grande relevância a partir do século XV, principalmente com o protestantismo⁷. Ao contrário de uma confissão tradicional do cristianismo, em que o pecador expõe seus erros e desvios a um confessor, cuja função é fazer o indivíduo refletir e se penitenciar de seus pecados, o que vemos nesse solilóquio está mais próximo da confissão protestante, em que o pecador se dirige diretamente a Deus. No caso, Satã transforma o sol em testemunha de suas dúvidas, uma vez que tendo se declarado inimigo de Deus não pode mais invocá-lo. A auto-confissão tem seu momento crucial na declaração de que as exigências divinas não eram tão severas e podiam ser facilmente cumpridas. Tal assertiva revela dois aspectos. Primeiro, a declaração de Satã de que, mesmo sendo anjo de hierarquia inferior, ele faria oposição a Deus, implica a existência de algo na natureza da personagem impulsionando-a para o nada, para a oposição a Deus. A assertiva lembra o conceito negativo acima exposto, dando a entender que Satã precisa passar por um processo de aperfeiçoamento semelhante àquele por que Adão e Eva devem passar em sua estada no Jardim. A argumentação de David Masson (1874) reforça a posição assumida neste trabalho. De acordo com o crítico, o motivo da queda de Satã é sua natureza questionadora. Uma tendência inquisitiva em Satã revela, ao menos em parte, um traço de não conformismo imediato ao que acontece e uma curiosidade perigosa, pois pode levar aonde não lhe é permitido chegar. Um exemplo claro é o questionamento em relação a Cristo: um dos problemas para Satã é a ausência de justificativas para as ações divinas. Como segundo aspecto, depreende-se da fala de Satã um desejo de poder que é percebido nos versos em que declara seu ódio ao sol, por este ser senhor absoluto da terra, e lembrá-lo de seu alto estado anterior:

O thou that with surpassing glory crowned,
Look'st from thy sole dominion like the god

não? Alguma outra Potestade/ Tão grande podia ter aspirado, e de algum modo me/ Arrastaria para seu lado; mas outras Potestades tão grandes/ Não caíram, permaneceram inabaláveis, por dentro/ Ou por fora, de todas as tentações armados./ Tinhas tu o mesmo livre arbítrio e o poder para permanecer?/ Tu tinhas, então quem ou o que tens tu para acusar,/ Mas o livre amor do Céu ocupou-se igualmente de todos?/ Seja seu Amor amaldiçoado, desde que amor e ódio,/ Para mim iguais, comerciam eterna angústia.

⁷ Maiores informações sobre o papel cada vez mais preponderante da confissão são encontradas em DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séc. 13-18)*. Tradução Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. 2 v. (Coleção Ciências Sociais)



Of this new world; at whose sight all the stars
 Hide their diminished heads; to thee I call,
 But with no friendly voice, and add thy name
 O sun, to tell thee how I hate thy beams
 That bring to my remembrance from what state
 I fell, how glorious once thy sphere;
 Till pride and worse ambition threw me down
 Warring in heaven against heaven's matchless king:
 (PL. IV, 32-41)⁸

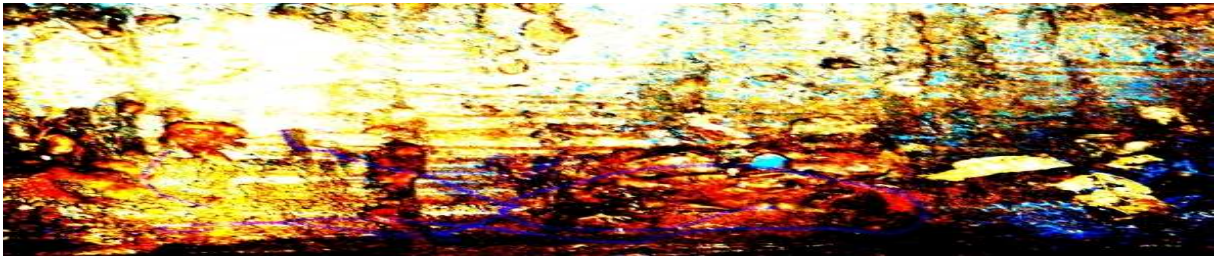
Satã menciona o sofrimento que o aflige, resultado direto da punição recebida (“Ay me, they little know/ How dearly I abide that boast so vain,/ Under what torments inwardly I groan:” - PL. IV, 86-88)⁹. Ele é o anjo que sofre as maiores perdas com a rebeldia; além de ser responsável por sua própria falta, tem responsabilidade na falta dos outros, sendo por isso merecedor de dupla pena. O fragmento acima mostra que ele é o único a ter uma percepção completa e profunda de todo o ocorrido, capaz de perceber seu estado singular de regulador em um regime de eterna privação (“While they adore me on the throne of hell,/ With diadem and sceptre high advanced/ The lower still I fall, only supreme: In misery” – PL. IV, 89-92)¹⁰. Satã se conscientiza de que ao seguir sua vontade, ou sua convicção para usar termo hegeliano, ele imputou aos outros um estado de privação, de sofrimento. Não é, porém, a consciência do sofrimento alheio que o fere, mas a privação de todo um status. O poder adquirido na miséria não era o desejo de Satã; ademais, as ruminções da personagem permitem questionar se não há um arrependimento, a percepção do erro cometido. O questionamento, mesmo momentâneo, de uma possível redenção aponta para um resquício de culpa que será superado quando a personagem entrar em conciliação consigo.

Satã entra em conciliação consigo quando define seu estado. No segundo solilóquio, a personagem determina quais serão suas ações futuras com relação ao homem. Interessa, no entanto, a justificativa dele para seu ataque ao casal edênico. Ao fim do solilóquio, Satã declara não ter nada contra os homens, mas que agirá contra eles por lhe ter sido imposta somente essa alternativa. (“if no better place/ Thank him who puts me loath to this revenge,/ On you who

⁸ O tu com transcendente Glória coroadado,/ Olha de teu sólido Domínio como o Deus/ Deste novo Mundo; em cuja visão todas as Estrelas/ Escondem suas diminutas cabeças; tu eu chamo,/ Mas não com voz amiga, e grito teu nome/ O Sol, para te dizer como eu odeio teus raios/ Que trazem a minha lembrança de que estado/ Eu caí, quão glorioso acima de tua Esfera;/ Até que o orgulho e a pior Ambição arremessaram-me abaixo/ Lutando no Céu contra o Rei incomparável do Céu.

⁹ Ai de mim! Eles pouco sabem/ Quão caro eu suportto aquela vã ostentação,/ Sob quais tormentos eu intimamente gemo:

¹⁰ Enquanto eles me adoram no Trono do Inferno,/ Com Coroa e Cetro distinto progredi/ Ao mais baixo ainda eu caio, Supremo somente/ Na miséria



wrong me not for him who wronged”. PL, IV, 385-87)¹¹. Como é patente a impossibilidade de uma ação contra Deus, por isso ele se dirigirá aos homens. Por mais que a colocação de Satã permita compreender a sua escolha como totalmente livre, ela revela outro aspecto. Satã é capaz de reconhecer a beleza divina e, reconhecendo-a, é capaz de amá-la (“whom my thoughts pursue/ with wonder, and could love, so lively shines/ In them divine resemblance, and such grace/ The hand that formed them on their shape hath poured”. PL, IV, 362-65)¹². Há, porém, uma força que o leva contra esse sentimento de amor, impróprio para ele. Não é a incapacidade de perceber o bem e a criação divina que levou Satã ao estado em que se encontra, mas a não conciliação entre seus desejos e as imposições gerais.

Os solilóquios mostram que há três razões básicas para Satã não entrar em conciliação com seus espíritos, nos moldes hegelianos. Primeiro, sua motivação básica, a inveja com relação a Cristo e seu desejo de poder; segundo, a responsabilidade que tem para com aqueles que trouxe consigo; e, terceiro, a impossibilidade de arrependimento, seja por vontade própria, seja pelo seu atual estado de rejeitado por Deus. Conclui-se que Satã não aceita um estado imposto para si. Todas as colocações da personagem revelam uma necessidade de determinar o que acontecerá, de estar no controle total da situação. É o confronto entre seu desejo de controle e a impossibilidade de realmente controlar que o leva a permanecer em embate consigo mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

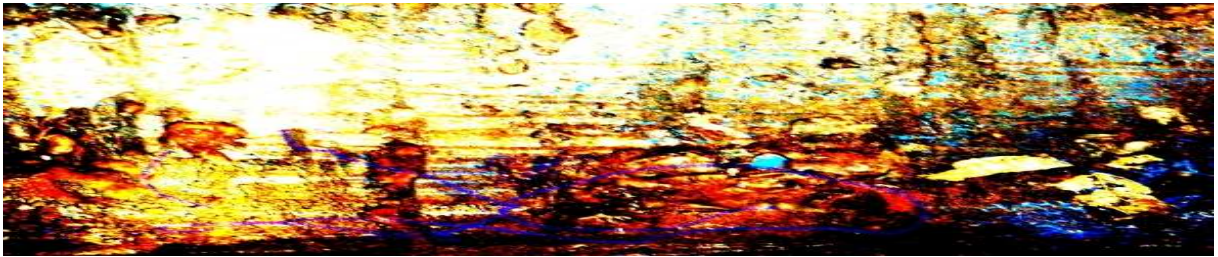
_____. **Le sacré et le profane**. Paris: Éditions Gallimard, 1965.

LEWIS, C. S. **A preface to Paradise Lost**. 7th ed. London: Oxford University Press. 1971.

MASSON, David. *The Three Devils: Luther's, Milton's, and Goethe's*. IN: **The three Devils: Luther's, Milton's, and Goethe's**. With other essays. London: Macmillan & Co, 1874, p. 3-58.

¹¹ ... se não é o melhor lugar/ Agradeça a ele que me pôs contrário a essa vingança/ Em vós que não errastes comigo, pois foi ele quem errou

¹² ... quem meus pensamentos perseguem/ Com admiração, e poderiam amar, tão vivo brilha/ Neles a Divina semelhança, e tal graça/ A mão que os formou a sua forma reproduziu.



MILTON, John. *Paradise Lost*. IN: _____. **John Milton The Major Works**: including *Paradise Lost*. Edited with an introduction and notes by Stephen Orgel and Jonathan Goldberg. New York: Oxford University Press, p. 355-618, 2003. (Oxford World's Classics).

RICOEUR, Paul. **O Mal**: Um Desafio à Filosofia e à Teologia. Tradução Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas, SP: Papirus, 1988.